

Os riscos do otimismo

Na avaliação do presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, o crescimento mais forte da economia, que será ratificado pelo PIB do primeiro trimestre, veio para ficar e será ainda maior daqui para frente. "Com o risco-país em baixa, juros em queda, inflação sob controle, mais emprego e renda salarial em alta teremos um crescimento sustentado. Neste ano, a taxa já será mais do que o dobro da média anual registrada nos últimos 20 anos (de 2,2%)", destaca. Meirelles reconhece, porém, que não há como o governo ficar deitado em berço esplêndido, admirando o bom momento vivido pela economia. "Estamos trabalhando para que o crescimento seja maior. E o governo está enfrentando seus desafios de forma vigorosa, aumentando os investimentos em infra-estrutura, por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), melhorando a educação e a segurança institucional", diz.

Para Sandra Utsumi, economista-chefe do Banco BES Investimento, o que o governo está fazendo ainda é pouco para

levar o Brasil a crescer ao ritmo médio dos países emergentes, de 7% ao ano. "O PAC, por exemplo, não passa de um resumo de projetos que estavam previstos em programas anteriores", afirma. A seu ver, se realmente quiser dar um salto, o governo terá, no mínimo, que garantir um volume de recursos três vezes maior do que o previsto no PAC (R\$ 503,9 bilhões) para infra-estrutura de transporte e para a geração e distribuição de energia. Terá, ainda, segundo ela, que aprimorar a legislação, de forma que o setor privado não tenha mais receio em ampliar os investimentos.

No entanto, os economistas alertam para o risco de o excesso de otimismo encobrir os gargalos que ainda precisam ser superados para consolidar o forte crescimento do país. "Por enquanto, os números são muito bons. O futuro ainda não é tão promissor quanto parece à primeira vista. O Brasil precisa das reformas fiscal, trabalhista e previdenciária", sentencia o professor Carlos Antonio Rocca, sócio da Risk Office Consultoria. (VN)